

---

## **Resumo**

O objectivo do nosso estudo foi identificar quais os efeitos do género, tipo de modalidade e nível desportivo, em relação às atitudes e orientação para a realização de objectivos face à prática desportiva. Para tal, utilizámos o “Questionário de Atitudes Face Ao Desporto” (SAQ), de Lee & Whitehead (2002) e o “Questionário de Orientação Para a Realização de Objectivos” (TEOSQ), de Duda & Nicholls (1989).

A amostra do presente estudo, foi constituída por 273 atletas sendo que dessa amostra 130 são rapazes e 143 são raparigas. 165 dos inquiridos pertencem a modalidades individuais, enquanto os restantes 108, enquadram-se nos desportos colectivos, por último, 122 atletas representam a selecção nacional da sua modalidade (atletas de elite), enquanto restantes atletas apenas representam os seus clubes (atletas não elite).

Os resultados obtidos, permitiram chegar às seguintes conclusões:

- Os rapazes revelam maior concordância com atitudes contrárias ao espírito desportivo, assim como uma maior orientação para o ego, quando comparados com as raparigas.
- Os atletas de modalidades colectivas, quando comparados com os de modalidades individuais, apresentam maior tendência para assumirem comportamentos e atitudes contrárias ao “fair-play”, no entanto, não se verificaram diferenças na orientação para a realização de objectivos.
- Os atletas de elite mostram-se mais empenhados e dedicados à prática desportiva, do que os não elite, sendo que estes últimos, possuem uma maior orientação para o ego.

---

## **Abstract**

The goal of this study was to identify, the effects of the sex (male/female), type of sport (team/individual) and level of sport (national/local), in relation to attitudes and orientation to the realization of goals, in sport practice, using the “Sport Attitudes Questionnaire”, by Lee & Whitehead (2002) and the “Task and Ego Orientation Sports Questionnaire”, by Duda & Nicholls (1989).

The sample of the present study was constituted by 273 athletes. From this sample, 130 were boys and 143 were girls, 165 belong to individual’s sports and 108 to team’s sports, 122 athletes’ plays in national teams and 151 plays in local teams.

The conclusions of this study, was that:

- Boys, comparing to girls, agree more with attitudes opposites to fair-play, and are more oriented to ego.
- The athletes of team’s sports, when compared to individual’s sports athletes, revelled that they have more tendencies to adopt attitudes and behaviours opposites to the fair-play. In the TEOSQ, there was no difference between the two groups.
- The national athletes are more enthusiastic and dedicated to the sport practice than local athletes, which are more oriented to ego than elite athletes.

---

## **Índice Geral**

<b>Capítulo I – Introdução</b>	<b>1</b>
1. Enquadramento Conceptual	1
1.1 Pertinência do Estudo	1
1.2 Objectivos e Hipóteses	2
<b>Capítulo II – Revisão da Literatura</b>	<b>4</b>
2.1 Valores, Atitudes e Orientação Para a Realização de Objectivos	4
2.2 Estudos Anteriores	6
2.3 Os Jovens Atletas de Elite	10
<b>Capítulo III – Metodologia</b>	<b>12</b>
3.1 Caracterização da Amostra	12
3.2 Instrumentos	12
3.3 Procedimentos Estatísticos	12
3.4 Visitas/Procedimentos	13
<b>Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados</b>	<b>14</b>
4.1 Atitudes	14
4.1.1 Género	14
4.1.2 Tipo de Modalidade	16
4.1.3 Nível Desportivo	17
4.2 Orientação Para a Realização de Objectivos	19
4.2.1 Género	19
4.2.2 Tipo de Modalidade	20
4.2.3 Nível Desportivo	20
<b>Capítulo V – Conclusões</b>	<b>22</b>
5.1 Limitações do Presente Estudo	22
5.2 Conclusões Propriamente Ditas	22
5.3 Sugestões Para Futuras Pesquisas	23
<b>Capítulo VI – Bibliografia</b>	<b>24</b>
<b>Anexos</b>	<b>28</b>

---

## **Índice Tabelas**

<b>TABELA 1.</b> Distribuição da amostra segundo o nível desportivo, de acordo com o género e tipo de modalidade (n=273).	12
<b>TABELA 2.</b> Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do SAQ (n=273).	14
<b>TABELA 3.</b> Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do SAQ (n=273).	15
<b>TABELA 4.</b> Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do TEOSQ (n=273).	19
<b>TABELA 5.</b> Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do TEOSQ (n=273).	19

---

## **Capítulo I – Introdução**

### **1. Enquadramento Conceptual**

O desporto, pode ser entendido como um fenómeno social, que se encontra integrado na sociedade portuguesa, constituindo assim uma faceta da vida quotidiana, que afecta, que toca todos os portugueses (Lima, 1987).

Na sua vertente social, o desporto, por possuir um considerável valor intrínseco, é um excelente meio de socialização de todos os seus intervenientes (atletas, treinadores, dirigentes, família, espectadores, amigos, etc). Por maioria de razão, a prática desportiva das crianças e jovens é fomentada e incentivada devido às suas virtudes formativas – carácter, disciplina, vontade, etc. –, de “preparação para a vida” e pró-sociais (Gonçalves & Silva, 2004).

Sem nunca esquecer os motivos que trazem os jovens a praticar desporto, não nos podemos esquecer, que a intervenção do treinador vai muito mais para além da transmissão de conhecimentos técnicos e táticos, e da obtenção do sucesso a todo custo.

A prática desportiva competitiva pode, assim, proporcionar boas oportunidades para a socialização das crianças e dos jovens, mas contudo, os possíveis aspectos possíveis dessa socialização estão intimamente dependentes da qualidade das situações que são criadas na prática desportiva (Gonçalves, 1999a).

O desporto, como prática educativa, é posto em causa por múltiplas situações e autores. Estudos recentes, sugerem que o impacto da prática desportiva nos jovens pode não ser, linearmente, geradora de convicções e atitudes pró-sociais. (Keech & McFee (2000); Brettschneider (2001), ambos citados por Gonçalves & Silva (2004).

#### **1.1 Pertinência do Estudo**

Vive-se no universo do desporto um processo de afirmação individual (tanto a nível de jogadores como treinadores, dirigentes), que tem como objectivo pretender alcançar o reconhecimento público, que se manifesta para com os que ganham e que consagra os vitoriosos e os campeões (Lima, 1987). Conquistar a vitória, ganhar transformou-se um objectivo de primeira ordem nas competições desportivas, quer a nível do desporto sénior quer a nível do desporto infanto-juvenil.

Compreende-se e aceita-se que a competição, como facto cultural, possa ser considerada como motor de progresso e desenvolvimento humano e social. Esta compreensão levamos, no entanto, a interrogar a validade das fórmulas que estão a ser seguidas no desporto para as crianças e para os jovens, e as quais se atribuem finalidades educativas e objectivos de desenvolvimento (Lima, 1987).

---

Analisando os quadros organizativos das diferentes práticas desportivas para as crianças e jovens, verificamos que estes são (quase) sempre uma cópia fiel, dos quadros competitivos dos adultos, que visam única e exclusivamente, a obtenção de um campeão, que é encontrado através de vitórias.

Partilhando a opinião de Gonçalves (1999a), que nos diz que o desporto constitui um factor de desenvolvimento harmonioso e equilibrado da personalidade, e de igual modo em termos de benefícios para a saúde, na medida em que o desporto conduz a uma forma saudável de vida, e sabendo que, de acordo com Martens (1978), citado por Gonçalves (1999a) não é o confronto, a competição, ou o tipo de desporto praticado que determinam automaticamente o valor das actividades para as crianças e jovens, mas sim a natureza das experiências vividas nessas actividades. São as interações com os pais, os treinadores, os companheiros, a assistência que vão determinar o valor qualitativo, a valência, da prática desportiva e se esta representa ou não, um verdadeiro factor de formação e desenvolvimento de crianças e jovens.

Parece-nos assim oportuno colocar a seguinte questão, será que a reprodução dos quadros competitivos, treinos, arbitragem, enquadramento dos adultos, do desporto sénior para a prática dos jovens, onde só a vitória interessa, permite transmitir os valores culturais, sociais, cívicos e morais, que tanto se diz que o desporto é capaz de transmitir?

Estas questões, lançam-nos para uma outra questão: como avaliar o impacto educativo do desporto? Este estudo surge assim, na perspectiva de identificar quais as atitudes face à prática desportiva e orientação para a realização de objectivos, comparando os atletas de acordo com o género (masculino e feminino), o tipo de modalidade (individual ou colectivo) e o nível desportivo (elite e não elite).

## **1.2 Objectivos e Hipóteses**

Os objectivos deste estudo são:

- Descrever e comparar as atitudes percebidas pelos jovens atletas de elite e não elite;
- Descrever e comparar as atitudes percebidas pelos jovens atletas do sexo masculino e feminino;
- Descrever e comparar as atitudes percebidas pelos jovens de modalidades colectivas e individuais,
- Descrever e comparar a orientação para a realização de objectivos percebidas pelos jovens de elite e não elite;
- Descrever e comparar a orientação para a realização de objectivos percebidas pelos jovens do sexo masculino e feminino;
- Descrever e comparar a orientação para a realização de objectivos percebidas pelos jovens de modalidades colectivas e individuais;

---

Os objectivos deste estudo levantam uma série de hipóteses,

- Existem diferenças entre atletas de elite/não elite, nas atitudes face à prática desportiva.
- Existem diferenças entre os atletas do sexo masculino/feminino, nas atitudes face à prática desportiva.
- Existem diferenças entre os atletas de modalidades colectivas /individuais, nas atitudes face à prática desportiva.
- Existem diferenças entre atletas de elite/não elite, na orientação para a realização de objectivos face à prática desportiva.
- Existem diferenças entre atletas do sexo masculino/feminino, na orientação para a realização de objectivos face à prática desportiva.
- Existem diferenças entre atletas de modalidades colectivas /individuais, na orientação para a realização de objectivos face à prática desportiva.

---

## Capítulo II – Revisão da Literatura

### 2.1 Valores, Atitudes e Orientação Para a Realização de Objectivos

É com alguma frequência, que geralmente ouvimos comentar que o desporto contribui para a formação intelectual do jovem atleta, através da transmissão de valores que são tidos na nossa sociedade como os correctos e que se associam ao espírito desportivo. Quantas vezes, já não comentámos ao assistirmos um jogo, que aquele jogador teve uma atitude menos correcta para com um adversário ou um árbitro? Mas afinal, o que são os valores? E as atitudes? E quais as diferenças entre valores e atitudes? Começamos então por procurar definir de uma forma clara estes dois conceitos.

Mas porque são tão importantes os valores no desporto? Uma vez que os valores são considerados universais, no sentido que são princípios que governam a nossa vida em todos os aspectos, eles também devem governar a participação no desporto (Lee, *et al.*, 2000). Daí que seja uma preocupação, saber quais os valores que transmitimos aos nossos jovens nas práticas desportivas de hoje em dia. Os valores tem a sua origem e desenvolvimento na sociedade, sendo que será a interacção do individuo com o meio em que se encontra inserido e com os outros indivíduos, que vai moldar e definir a personalidade e carácter do individuo, esta interacção denomina-se por processo de socialização.

As definições de valor, nem sempre são consensuais, talvez por ser um termo abstracto. Schwart (1994), citado por Lee, *et al.* (2000), define valores como objectivos transituacionais desejáveis, que variam na importância, e que servem como princípios condutores, na vida de uma pessoa ou de uma entidade social. Rokeach (1973), citado por Lee, *et al.* (2000), refere que valor é uma crença duradoura, que um específico modo de conduta ou objectivo de vida, é pessoal ou socialmente preferível, em oposição a outro. Por sua vez, Lee (1993) entende os valores como sendo convicções sensivelmente estáveis e contínuos, que operam de uma forma consistente perante diferentes situações. O mesmo autor refere ainda que os valores podem ser:

- a) Valores como atributo pessoal que respeita a objectivos pessoais (realização pessoal, reconhecimento social).
- b) Valores sociais, que são comuns a toda a sociedade ou a pequenos grupos (justiça, lealdade, liberdade).
- c) Valores de competência, que são objectivos pessoais e influenciam a forma como nos comportamos e demonstramos capacidades (ser ambicioso, competente)
- d) Valores morais, são representados pelo modo como agimos perante situações que envolvem outras pessoas (ser honesto, educado)

A classificação de valores como transituacionais, indica que os valores que conduzem o comportamento da pessoa, em todas as situações que se nos apresentam no dia-a-dia, tenham uma importância variável, o que faz com que os valores possam ser hierarquizados, de acordo com a sua importância (Schwart (1994), citado por Lee, *et al.* (2000); Lee (1999); Andrade (1992), citado por Fernandes (2000). Esta é sem dúvida uma questão importante, no que refere aos valores no desporto, nomeadamente quando surge uma situação de conflitos de valores. Lee (1999) cita uma situação, que demonstra



---

como uns valores são mais importantes que os outros. É o caso entre ganhar e respeitar os valores do espírito desportivo. Se ganhar for muito mais importante do que ter uma atitude correcta, então podemos ser levados a fazer batota.

Em relação às atitudes, Fishbein & Azjen (1975), citados por Lee, *et al.* (2000), definem-nas como “uma pré disposição aprendida para responder de uma maneira consistente, favorável ou não favorável, com respeito a um determinado objecto”. Andrade (1992), citado por Fernandes (2000) refere que os valores subsistem nas atitudes, ou seja, são os valores que determinam as atitudes. Rokeach (1973), citado por Lee, *et al.* (2000), entende que uma atitude se refere a uma organização de várias crenças, acerca de um específico objecto ou situação, enquanto que um valor diz respeito a uma única crença de um tipo muito específico.

O mesmo autor, descreve algumas diferenças entre valores e atitudes, que no entanto deixam transparecer a proximidade entre estes dois conceitos:

- a) Um valor transcende situações e objectos, enquanto uma atitude é específica para uma situação ou objecto.
- c) As pessoas têm um número pequeno de valores para conduzir os seus objectivos e comportamentos tipo, mas têm tantas atitudes como as situações e objectivos que possam encontrar.
- e) Os valores estão mais ligados a tendências motivacionais que as atitudes, que apenas reflectem as prioridades dos valores.

Também Katz (1960), citado por Lee, *et al.* (2000), identifica um importante aspecto funcional da relação entre atitudes e valores. Assim, uma das funções das atitudes é expressar os princípios mais gerais contidos nos valores. Podemos, assim concluir, que as atitudes no desporto, como fazer batota ou actuar de acordo com os códigos do espírito desportivo, são expressões do sistema de valores de cada indivíduo. Partindo deste pressuposto, concluímos que perante a mesma situação, diferentes indivíduos, reagem com atitudes diferentes.

As atitudes podem ser divididas em 3 componentes (Cardoso, 2004):

- Componente comportamental, é a acção que o indivíduo assume tendo em conta o alvo da atitude.
- Componente afectiva, refere-se à direcção e intensidade da própria atitude (se é favorável ou não favorável).
- Componente cognitiva, abarca todo o conjunto de estereótipos, crenças e conhecimento que a pessoa possui em relação ao alvo da atitude.

A orientação para a realização de objectivos, é outro tema central deste trabalho. Esta orientação para a realização de objectivos, traduz-se normalmente através da orientação para a tarefa ou através da orientação para o ego. Estar orientado para a tarefa significa que a percepção de sucesso e habilidade é auto-referenciada, e que a maior preocupação é baseada no melhoramento pessoal da mestria motora, na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e técnicas. Por sua vez, estar orientado para o ego, implica que o esforço e a percepção da performance são julgadas em comparação com os outros. O sucesso para estes atletas é sentirem que são melhores que os adversários em termos de habilidades (Duda *et al.* (1995); Biddle *et al.* (2001).

---

Procurando relacionar a orientação para a realização de objectivos com a motivação, facilmente encontramos na bibliografia, algumas respostas. Assim verificamos que um atleta orientado para a tarefa, está mais positivamente associado à motivação intrínseca, aperfeiçoamento do nível da sua performance, etc. Por outro lado, um atleta orientado para o ego, demonstra grandes motivações extrínsecas, uma vez que o seu sucesso ou insucesso depende da sua comparação com outros atletas. (Nicholls (1989) e Dweck (1985), ambos citados por Duda *et al.* (1995); Hardy *et al.* (1996).

É também frequente verificarmos, que a orientação para a tarefa está geralmente associada ao divertimento durante a prática desportiva e ao desenvolvimento da sociabilidade por parte dos atletas (Gonçalves & Silva, 2004). Theeboom *et al.* (1995), citados por Weiss (1999), referem que os atletas orientados para a tarefa apresentam níveis de prazer na prática desportiva superiores e melhores habilidades técnicas quando comparados com os atletas orientados para o ego. Goudas *et al.* (1994), citados por Biddle *et al.* (2001), observaram que as crianças que demonstram maiores níveis de prazer e divertimento numa prova de corrida de endurance, possuíam uma orientação para a tarefa elevada e uma baixa orientação para o ego. Spray & Biddle (1997), citados por Biddle *et al.* (2001), verificaram que atletas de 16-18 anos, inscrevem-se com maior vontade para um programa de desporto e educação física oferecido pelo seu colégio, se tiverem uma orientação para a tarefa elevada.

Enquanto que os atletas orientados para a tarefa apresentam maior esforço na prática desportiva, os orientados para o ego, apresentam maiores níveis de ansiedade e atribuem menos importância ao esforço durante o treino ou competição. Estes atletas, podem não se esforçar, quando à partida sabem que a probabilidade de terem sucesso é reduzida. (Hardy *et al.*, 1996).

Quando relacionamos a orientação para o ego com os valores do espírito desportivo, chegamos à conclusão que os atletas orientados para o ego, adoptam mais facilmente atitudes anti-desportivas, tal como a batota, assim como actos mais agressivos, como sendo legítimos (Duda *et al.* (1991) e Stephens (1993), citados por Fernandes (2003); Nicholls (1989) citado por Hardy *et al.* (1996). Em relação ainda à tarefa e ao ego, os atletas mais orientados para o ego, possuem maiores probabilidades de abandonar a modalidade quando comparados com os orientados para a tarefa (Duda (1989b); Ewing, (1981), ambos citados por Hardy *et al.* (1996).

## **2.2 Estudos Anteriores**

O desporto sendo um fenómeno social, está, assim como a sociedade, sujeito a modificações. Sabendo que os valores (culturais, sociais, cívicos, morais, etc) de uma sociedade vão-se alterando com o decorrer do tempo, e sendo o desporto um meio privilegiado de transmissão de valores, devido à sua associação a valores como “fair-play”, desportivismo, amizade e tolerância, (Lee, Whitehead, Balchin, 2000), importa saber quais os valores e atitudes que a prática desportiva está a transmitir aos nossas crianças e jovens.

---

São muitos os autores, que concordam com o facto de a organização actual do desporto infanto-juvenil estar demasiado centrada na obtenção da vitória, esquecendo-se do seu verdadeiro papel, o da formação da personalidade e dos valores das crianças e jovens (Orlick (1981), citado por Gonçalves (1988); Lima (1987); Gonçalves (1999b); Adelino (1990), citado por Gonçalves (1999).

Os estudos sobre os valores, atitudes e orientação para a realização de objectivos têm vindo assim, a merecer uma maior atenção por parte dos especialistas, o que nos leva a entender que talvez a ideia de que o desporto gera comportamentos e valores pró-sociais, não seja assim tão linear (Gonçalves (1999), Keech & McFee (2000); Brettschneider (2001), citados por Gonçalves & Silva (2004). Em Portugal, os estudos são ainda mais reduzidos, sendo que apenas alguns autores (nomeadamente Gonçalves), se têm dedicado a este assunto.

Parece-me também importante, referenciar alguns estudos sobre os motivos que levam os jovens a praticar desporto, pois pode-nos ajudar a entender os valores, atitudes e a orientação para a realização de objectivos, que as nossas crianças e jovens demonstram.

Gill, *et al.* (1983), observaram que os motivos mais importantes que levam os jovens a praticar desporto, são: “melhorar as técnicas” (*improve skills*), “ter divertimento” (*have fun*), “aprender novas técnicas” (*learn new skills*) e “ser fisicamente activo” (*be physically fit*). Gonçalves (1999), refere que os objectivos dos jovens na prática desportiva são “melhorar os seus níveis de execução”, “obter bons resultados”, estar com os amigos” e “ter alegria e satisfação”. Por sua vez, Santos & Silva (2002), citados por Silva & Malina (2004), num estudo realizado com jovens atletas da selecção nacional masculina de basquetebol, referem que os principais motivos para a prática desportiva, são “eu quero melhorar as minhas técnicas” (*i want to improve my skills*), “eu gosto do trabalho de equipa” (*i like the team work*), “eu gosto do espírito de equipa” (*i like the team spirit*), “eu quero ser fisicamente activo” (*i want to be physicaly fit*) e “eu quero aprender novas técnicas” (*i want to learn new skills*).

Lee *et al.* (2000), realizou um estudo, no sentido de saber quais os valores que os jovens ingleses consideram mais importante no desporto. Os jovens mencionaram assim como mais importante, o “prazer” (*enjoyment*), seguido do “sucesso pessoal” (*personal achievement*) e do “espírito desportivo” (*sportmanship*). Ganhar, apesar de ter sido referido por cerca de 95% dos jovens entrevistados, quando estabelecida uma hierarquia, verificamos que ganhar se encontra no último lugar, sendo o que os jovens consideram de menos importante. Lee (1993), num estudo sobre os valores em jovens atletas de ambos os sexos, na modalidade de futebol e ténis, observou que o valor mais importante mencionado pelos jovens, foi o divertimento, seguido da vitória e camaradagem.

Gonçalves & Silva (2004a), num estudo semelhante ao Lee *et al.* (2000), mas com uma amostra específica de uma modalidade (basquetebol), tiveram resultados semelhantes, pelo menos, no que diz respeito, ao item mencionado como mais importante. Assim, em primeiro lugar, os jovens atleta mencionaram o “sinto-me bem e divirto-me” como o mais importante, sendo que em segundo e terceiro lugar, foram mencionados, “tento integrar-me no grupo” e “na prática desportiva estou com os meus amigos”. Em relação

---

ao item “quero ganhar ou vencer os outros”, este ocupa o oitavo lugar, o que faz com tenha assim uma importância relativa. Como menos importantes, mencionaram “tenho bom aspecto”, e o “faço bem as técnicas e habilidades”. Cardoso (2004) também verificou que os jovens atletas, quer de modalidades colectivas, quer individuais, não evidenciam a vitória como fundamental na participação desportiva. Sendo assim, neste estudo os jovens valorizaram como mais importante “dar o meu melhor”, “melhorar o meu desempenho”, “sentir-me bem e divertir-me” e “melhor como jogador”.

Bredemeier & Shields (1985) e Mugno & Feltz (1985), ambos citados por Gonçalves (1999), referem que os valores morais expressos pelos jovens praticantes, revelam um nível inferior ao manifestado pelos não-praticantes. Também Knoppers, Schuiteman & Love (1986), citados por Gonçalves (1999), referem que o conceito de “vitória a qualquer preço” merece maior aceitação entre os praticantes comparativamente aos não praticantes. Estes comportamentos, anti-desportivos, são mais facilmente adoptados com o aumento de anos de prática desportiva competitiva (Bredemeier *et al.* (1987), e Gonçalves (1989), citados por Gonçalves (1999), e ainda consoante o nível e importância da competição (Lee & Cook (1990), citados por Gonçalves (1999).

Lee *et al.* (2000), comparou ainda as diferenças entre modalidades colectivas e individuais. Assim, os atletas de desportos individuais, apresentam um maior nível de desportivismo, quando comparados com os de modalidades colectivas. Estes por sua vez, apresentam uma maior preocupação com o espírito de grupo e com a vitória. O mesmo autor, mas num outro estudo realizado em 1993, observou que os jovens tenistas praticam desporto, sobretudo com o objectivo de participar de uma forma alegre e divertida. Por sua vez os jogadores de futebol, manifestam maiores preocupações com valores colectivos (espírito de grupo, etc).

Gonçalves (1999), num estudo realizado sobre o espírito desportivo, e apesar de não ter sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, os resultados obtidos sugerem que os atletas de modalidades individuais assumem-se como os mais dispostos a reger os seus actos pelo espírito desportivo, quando comparados com os de modalidades colectivas.

Cardoso (2004), ao comparar os valores entre os jovens de modalidades colectivas e individuais, observou que os atletas de modalidades colectivas apresentam valores superiores aos de modalidades individuais, nos itens “vencer ou derrotar os outros” e “ganhar”. Os jovens atletas de modalidades colectivas, apontam ainda para uma maior apetência para praticar a batota, no entanto, apresentam valores mais elevados nos seguintes itens, “aceitar os pontos fracos dos outros” e “ajudar os outros quando precisam”, o que demonstra que uma preocupação maior com valores de companheirismo e convivência.

Comparando agora as diferenças entre sexos, Nixon (1980), citado por Gonçalves (1988), refere que as raparigas apresentam um comportamento desportivo mais próximo do espírito desportivo, sendo por isso menos violentas e agressivas, e mais cooperativas do que os rapazes. Estes últimos, assumem com mais frequência, atitudes que traduzem um empenho maior na obtenção da vitória a qualquer preço. Também Gonçalves (1999), observou que os rapazes caracterizam-se por terem atitudes mais contrárias ao

---

espírito desportivo e fair-play. Silva (1983), citado por Gonçalves (1988), obteve resultados semelhantes, sendo que no seu estudo, verificou que os rapazes aceitam com maior facilidade certos comportamentos ilegais, como legítimos, face aos objectivos pretendidos na competição, independentemente do nível de prática desportiva.

Em relação ao contexto da prática desportiva, se é federada ou escolar, Fernandes (2003), indica que os atletas de desporto escolar, assumem-se como aqueles que mais concordam com atitudes anti-desportivas. No entanto, a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades e competências são as dimensões mais valorizadas pelos praticantes de desporto escolar. Freitas (2004), observou que os atletas de desporto escolar, quando comparados com os jovens atletas federados, valorizam mais os aspectos que se prendem com o estatuto, enquanto que os federados apresentam valores mais elevados no aperfeiçoamento da técnica, o que contraria o estudo anterior de Fernandes.

Passando agora aos estudos realizados no âmbito das atitudes, estes revelam-se ainda menores. Cardoso (2004), observou que o grupo dos praticantes desportivos maior apetência para assumir atitudes contrárias à ética desportiva, sendo que ao mesmo tempo evidenciam elevados valores de respeito pela convenção, nomeadamente nos itens “cumprimento os adversários depois de uma derrota”, “felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”, “seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” e “depois de ganhar cumprimento os meus adversários”. No entanto, quando colocada por ordem de importância, os itens que os jovens dão mais importância são, “dou sempre o meu melhor”, “estou sempre a pensar como posso melhorar”.

Gonçalves (1999), observou que os praticantes desportivos, quando comparados com os não-praticantes, são os que mais concordam com a ideia de que é correcto protestar “os erros dos árbitros” e que fazer “batota” é aceitável se o árbitro não vir. Freitas (2004), refere que foram os atletas federados que demonstram atitudes mais concordantes com o espírito desportivo, enquanto que McElroy & Kirkendall, citados por Freitas (2004) e Gonçalves (1988), referem que pelo facto de os atletas do desporto federado estarem mais “sujeitos a pressão” pela vitória, evidenciam comportamentos mais opostos ao espírito desportivo.

Em relação à orientação para a realização de objectivos, Gonçalves & Silva (2004a), referem que os jovens basquetebolistas portugueses apresentam-se mais orientados para a tarefa do que para o ego, sendo que entre os atletas mais velhos que compõe a amostra do estudo, verifica-se um aumento da orientação para o ego. Também Cardoso (2004), observou que apesar de os jovens atletas portugueses se mostrarem fortemente orientados para a tarefa, são os atletas de modalidades colectivas que apresentam uma maior orientação para a tarefa, quando comparados com os de modalidades individuais. Hardy et al. (1996) e Duda *et al.* (1995) referem que os atletas que se encontram mais orientados para a tarefa, revelam uma maior motivação intrínseca, e atribuem maior importância à exercitação. Por sua vez, os atletas de modalidades individuais, estão mais orientados para o ego.

Nicholls (1989), citado por Cardoso (2004), observou que são os atletas mais orientados para ego, que tendem a demonstrar atitudes e comportamentos ilegais, no entanto, no

---

estudo de Cardoso (2004), quando comparamos a orientação para a realização de objectivos com as atitudes, obtemos uma conclusão oposta à anterior, ou seja, são os atletas de modalidades colectivas que apresentam maior orientação para a tarefa e ao mesmo tempo maior apetência para ter atitudes contrárias ao espírito desportivo. Freitas (2004), compara os atletas do desporto escolar e federado, observando que apesar de ambos estarem orientados para a tarefa, são os atletas do desporto escolar que evidenciam na orientação para o ego.

### **2.3 Os Jovens Atletas de Elite**

A partir dos anos 80, as federações e o Estado, viram nas competições internacionais de jovens, um meio de preparar as futuras competições internacionais (Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais, etc.), e de ganhar prestígio. As federações, com o objectivo de angariarem maiores apoios financeiros (quer a nível de patrocinadores, quer a nível do estado), começaram a olhar para o sucesso internacional nas competições de jovens, e consequentemente para os jovens atletas de elite, como uma opção estratégica (Gonçalves & Silva, 2004b).

As federações procuraram então soluções, que permitissem em primeiro lugar, aumentar a sua influência a nível interno, seguido da obtenção de bons resultados nas competições internacionais de jovens e mais tarde, nos campeonatos seniores.

Como sabemos, os programas desportivos para os atletas de elite, exigem um esforço financeiro enorme, o que faz com que as diferentes federações compitam entre si, atrás de dinheiro de patrocinadores e do governo. As federações, com o objectivo de atingirem o sucesso em competições internacionais de jovens, criaram ainda os seus próprios centros de treinos de alto rendimento, (Gonçalves & Silva, 2004b), onde os jovens atletas de elite vivem e treinam, ao longo de todo o ano, oferecendo assim a um grupo restrito de jovens, todas as condições humanas e materiais, para atingirem o sucesso.

Estes centros de alto rendimento, contrastam com a realidade dos clubes, que vivem hoje em dia, crises financeiras, materiais e em alguns casos, mesmo a falta de jovens atletas, que começam cada vez mais a optar por outros desportos, nomeadamente os de aventura (surf, snowboard, escalada, etc.), onde a personagem do treinador não existe, assim como a obsessão pela vitória. Será que esta política, onde se privilegia apenas um grupo restrito, esquecendo-se de todos os outros jovens atletas, que constituem realmente aquilo a que chamamos desporto infanto-juvenil, é a mais correcta?

Sendo as federações instituições de utilidade pública, e a sua principal função o fomento da prática desportiva entre os jovens, é com alguma naturalidade que nos perguntamos se as federações, ao dar condições apenas a um grupo de jovens mais dotados, com esquemas competitivos onde só os vitoriosos são recompensados, estará de facto, a prestar um serviço à sociedade, a ser uma referência para o desenvolvimento desportivo do País, e um exemplo dinamizador da adesão da juventude às práticas formativas do desporto?

---

Facilmente concluímos que as motivações na prática desportiva infanto-juvenil, entre federações e jovens atletas não são as mesmas. Gonçalves & Silva (2004b), referem que o facto de os jovens atletas não terem os mesmos objectivos que as federações, uma vez que os jovens vêm para o desporto sobretudo para se divertirem, e não para atingirem o sucesso desportivo, faz com que as bases de recrutamento de futuros atletas de elite sejam menores.

É importante não esquecer, que o desporto de alta competição de jovens, não pode esquecer-se da sua vertente social, o que faz com que o seu respectivo processo de formação se justifique “numa matriz cultural e numa perspectiva sistémica por forma a enquadrar a carreira desportiva dos jovens atletas de alto rendimento num percurso humanizado, criador de valores, conhecimentos, métodos e tecnologias, susceptíveis de serem referências úteis e de acarretar influências positivas e concretas no processo nacional de democratização desportiva e de desenvolvimento social” (Lima, 2002).

Não podemos pois, de deixar de levantar algumas questões. Oferecendo as federações todas estas condições aos jovens atletas de elite, esperando o sucesso já nas competições infanto-juvenis, quais os valores, atitudes que os jovens de elite demonstram na prática desportiva? Adoptaram os jovens atletas de elite comportamentos mais contrários ao espírito desportivo, na busca da vitória? Estarão os atletas de elite mais orientados para o ego ou tarefa? São perguntas como estas, que esperamos poder responder no final deste estudo.

Os estudos com jovens atletas elite, são na maior parte objecto de interesse para investigadores e leitores. No entanto, a realidade desses estudos, é que a maior parte são feitos no campo das variáveis físicas (antropometria, fisiologia, etc.). No campo das variáveis psicológicas, esses estudos são mais reduzidos, sendo que estudos relacionados com o tema do presente trabalho (valores, atitudes e orientação para a realização de objectivos), são escassos, existindo apenas alguns estudos que se prendem com a motivação dos jovens atletas de elite para a prática desportiva.

---

## Capítulo III – Metodologia

### 3.1 Caracterização da Amostra

Participaram no presente estudo 273 atletas, com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Destes inquiridos 130 são do género masculino e 143 do género feminino. 122 dos inquiridos pertencem ao nível elite (selecções nacionais), enquanto os restantes (151) situam-se no nível federado.

**TABELA 1.** Distribuição da amostra segundo o nível desportivo, de acordo com o género e tipo de modalidade (n=273).

		N Elite	Elite	
Género	Masculino	61	69	130
	Feminino	90	53	143
	Total	151	122	273
Tipo Modalidade	Individual	99	66	165
	Colectivo	52	56	108
	Total	151	122	273

### 3.2 Instrumentos

Foram utilizados no estudo, 2 questionários:

✓ “*Sport Attitudes Questionnaire*” (SAQ) de Lee e Whitehead (2002), com autorização dos mesmos, cuja tradução e adaptação para português seguiu os procedimentos descritos em Lourenço (2004).

✓ “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), de Duda e Nichols (1989), traduzido e adaptado para português por Fonseca (1999).

Os questionários foram autorizados pela Comissão Nacional de Protecção de Dados.

### 3.3 Procedimentos Estatísticos

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa de estatística *SPSS*, versão 9.

Foi utilizada a análise da variância factorial (através da técnica MANOVA), para tratar o efeito do género, tipo modalidade e nível desportivo, relativamente às dimensões dos questionários SAQ e TEOSQ, analisados conjuntamente.

O nível de significância neste trabalho foi fixado em 5%, sendo que todos os cálculos foram realizados a partir do programa de estatística *SPSS* 9.0.



---

### **3.4 Visitas/Procedimentos**

O procedimento dos questionários teve lugar no início ou no final do treino dos treinos e competições desportivas, após breves instruções verbais. As visitas às selecções nacionais e clubes, decorreram entre os dias 13 de Novembro e 15 de Dezembro de 2004.

## Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

### 4.1 Atitudes

**TABELA 2.** Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do SAQ (n=273).

Item		Sexo		Tipo Modalidade		Nível Desportivo	
		F	p	F	p	F	p
1	Vou a todos os treinos	6,509	**	18,747	**	13,041	**
2	Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	2,307	n.s.	11,086	**	4,942	*
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	9,674	**	2,508	n.s.	2,073	n.s.
4	Cumprimento os adversários depois de uma derrota	0,549	n.s.	7,063	**	6,114	**
5	Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	7,047	**	0,606	n.s.	0,082	n.s.
6	Dou sempre o meu melhor	8,138	**	0,506	n.s.	2,665	n.s.
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	8,199	**	18,561	**	1,055	n.s.
8	Cumprimento o adversário	0,408	n.s.	40,179	**	1,103	n.s.
9	Faço batota se ninguém der por isso	6,725	**	5,325	*	0,017	n.s.
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	8,061	**	27,520	**	4,883	*
11	Estou sempre a pensar em como posso melhorar	1,719	n.s.	0,345	n.s.	0,829	n.s.
12	Felicito os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	2,304	n.s.	0,694	n.s.	1,123	n.s.
13	Por vezes é preciso fazer batota	8,633	**	7,576	**	1,401	n.s.
14	Penso que posso perturbar os adversários desde eu não viole as regras	4,085	*	51,456	**	2,951	n.s.
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	0,689	n.s.	0,692	n.s.	11,749	**
16	Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	15,126	**	10,547	**	0,019	n.s.
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	2,500	n.s.	6,125	**	17,802	**
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	17,476	**	19,870	**	0,062	n.s.
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	8,279	**	9,749	**	0,580	n.s.
20	É uma boa ideia irritar os meus adversários	5,587	*	30,000	**	0,082	n.s.
21	Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	0,097	n.s.	1,138	n.s.	11,931	**
22	Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	0,135	n.s.	8,129	**	7,696	**
23	Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	5,785	*	27,845	**	3,084	n.s.

n.s. (não significativo); \*( $p \leq 0.5$ ); \*\*( $p \leq 0.1$ )

#### 4.1.1 Género

Analisando os resultados da Tabela 2, verificamos que nos itens, 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo” ( $p \leq 0.1$ ), 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários” ( $p \leq 0.1$ ), 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde eu não viole as regras” ( $p \leq 0.5$ ), 18 “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco” ( $p \leq 0.1$ ), e 20 “É uma boa ideia irritar os meus adversários” ( $p \leq 0.5$ ), observam-se diferenças estatisticamente significativas, quando comparamos rapazes com raparigas. Através da observação da Tabela 3, verificamos que os rapazes apresentam valores mais elevados, do que as raparigas. No item 2 “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”, apesar de não se verificar diferenças estaticamente significativas, os rapazes também apresentam resultados mais elevados.

Nos itens relacionados com a prática de batota, 3 “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar” ( $p \leq 0.1$ ), 5 “Se os outros fazem batota, penso que também o posso

fazer” ( $p \leq 0.1$ ), 9 “Faço batota se ninguém der por isso” ( $p \leq 0.1$ ), 13 “Por vezes é preciso fazer batota” ( $p \leq 0.1$ ), 16 “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar” ( $p \leq 0.1$ ), 19 “Por vezes faço batota para obter vantagem” ( $p \leq 0.1$ ) e 23 “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” ( $p \leq 0.5$ ), também as diferenças entre sexos são estatisticamente significativas, tendo os rapazes os valores mais elevados.

**TABELA 3.** Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do SAQ ( $n=273$ ).

Item	Sexo		Tipo Modalidade		Nível Desportivo		
	Mas	Fem	Ind	Col	Elite	N Elite	
1	Vou a todos os treinos	4.59	4.30	4.20	4.69	4.65	4.24
2	Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	2.21	2.00	1.87	2.34	2.27	1.95
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.14	1.68	1.79	2.03	2.02	1.81
4	Cumprimento os adversários depois de uma derrota	4.34	4.47	4.26	4.59	4.58	4.27
5	Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.15	1.74	1.88	2.00	1.97	1.92
6	Dou sempre o meu melhor	4.62	4.34	4.51	4.45	4.56	4.40
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	2.91	2.40	2.28	3.04	2.75	2.57
8	Cumprimento o adversário	4.04	4.13	3.65	4.52	4.15	4.01
9	Faço batota se ninguém der por isso	2.07	1.69	1.70	2.05	1.88	1.87
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	2.72	2.26	2.06	2.92	2.67	2.31
11	Estou sempre a pensar em como posso melhorar	4.66	4.55	4.58	4.63	4.64	4.57
12	Felicito os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.17	4.35	4.21	4.31	4.33	4.19
13	Por vezes é preciso fazer batota	2.17	1.74	1.75	2.15	2.04	1.87
14	Penso que posso perturbar os adversários desde eu não viole as regras	2.97	2.62	2.17	3.41	2.94	2.64
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.36	4.44	4.36	4.44	4.57	4.23
16	Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	2.25	1.67	1.71	2.20	1.95	1.97
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.38	4.55	4.33	4.60	4.69	4.23
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.50	1.87	1.85	2.52	2.20	2.16
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	2.02	1.63	1.61	2.03	1.87	1.77
20	É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.61	2.22	1.97	2.87	2.39	2.44
21	Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	4.36	4.32	4.28	4.39	4.53	4.15
22	Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	4.51	4.55	4.37	4.68	4.68	4.37
23	Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.82	2.41	2.16	3.07	2.77	2.46

No que diz respeito aos itens 4 “Cumprimento os adversários depois de uma derrota”, 8 “Cumprimento o adversário”, 12 “Felicito os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”, 17 “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” e 22 “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”, apesar de não existirem diferenças significativas, analisando a Tabela 3, verificamos que as raparigas apresentam em todos os itens valores mais elevados.

Os resultados obtidos, confirmam a hipótese colocada inicialmente, de que existem diferenças entre os atletas do sexo masculino e feminino, em relação às atitudes face à prática desportiva. Após a observação dos resultados, concluímos que os rapazes têm uma maior disposição para a prática de atitudes e comportamentos contrários ao espírito desportivo, como a batota. Estes valores vão de encontro aos estudos realizados por Gonçalves (1999), Nixon (1980) e Silva (1983), ambos citados por Gonçalves (1988).

---

Já as raparigas, além de terem maiores índices de “fair-play”, os nossos resultados parecem sugerir que o sexo feminino demonstra ainda um maior respeito pela convenção, em comparação com os rapazes.

Podemos ainda concluir que os rapazes levam a prática desportiva “mais a sério” que as raparigas, uma vez que dispensam mais tempo assim como também se mostram mais empenhados. Isto verifica-se através da observação dos itens 1 “vou a todos os treinos” e 6 “dou sempre o meu melhor”, onde as diferenças foram estatisticamente significativas ( $p \leq 0.1$ ). Também Gutiérrez Sanmartin (1995), citado por Freitas (2004), refere que os rapazes apresentam uma atitude mais empenhada do que as raparigas.

#### 4.1.2 Tipo de Modalidade

Comparando agora as modalidades colectivas com as individuais, através da observação da Tabela 2, verificamos que existem diferenças significativas ( $p \leq 0.1$ ), nos seguintes itens, 2 “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”, 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”, 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários”, 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde eu não viole as regras”, 18 “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco” e 20 “É uma boa ideia irritar os meus adversários”, sendo os atletas de desportos colectivos que apresentam valores mais elevados.

Também nos itens, 9 “Faço batota se ninguém der por isso” ( $p \leq 0.5$ ), 13 “Por vezes é preciso fazer batota” ( $p \leq 0.1$ ), 16 “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar” ( $p \leq 0.1$ ), 19 “Por vezes faço batota para obter vantagem” ( $p \leq 0.1$ ) e 23 “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” ( $p \leq 0.1$ ), as diferenças são estatisticamente significativas, tendo novamente os atletas de modalidade colectivas valores mais altos. Nos itens 3 “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar” e 5 “Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer”, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, no entanto, são os jovens de modalidades colectivas que apresentam valores mais elevados.

Nos itens relacionados com o respeito pela convenção, 4 “Cumprimento os adversários depois de uma derrota”, 8 “Cumprimento o adversário”, 17 “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” e 22 “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”, existem diferenças significativas ( $p \leq 0.1$ ), o que significa que as atitudes variam de acordo com o tipo de modalidade.

Tal como no género, também no tipo de modalidade existem diferenças entre os jovens de modalidades colectivas e individuais, no que respeita às atitudes face à prática desportiva. Através da observação da Tabela 3, podemos então concluir que são os atletas de modalidades colectivas que têm uma maior apetência para adoptar comportamentos e atitudes contrários ao espírito desportivo. Também Lee *et al.* (2000), Gonçalves (1999) e Cardoso (2004), nos seus estudos obtiveram conclusões semelhantes. O facto de os atletas de modalidades colectivas adoptarem com maior facilidade comportamentos anti-desportivos, na procura da vitória, poderá dever-se ao facto de estes também atribuírem maior importância a “vencer ou derrotar os outros”,

---

como refere Cardoso (2004). Esta maior vontade em atingir a vitória, e daí a adopção de comportamentos menos adequados, poderá também advir do facto de o quadro competitivo das modalidades colectivas ser organizado semanalmente, enquanto que nas modalidades individuais as competições são mais esporádicas, pelo que a obtenção da vitória está mais na mente dos atletas de modalidades colectivas.

Ao mesmo tempo que os atletas de modalidades colectivas possuem resultados mais elevados nas atitudes contrárias aos valores do espírito desportivo, apresentam também resultados mais elevados de respeito pela convenção, quando comparados com os jovens de modalidades individuais. Isto também se poderá dever, como é facilmente observável nas competições de modalidades colectivas, ao facto de antes e depois das competições, estar “convencionado”, os atletas cumprimentarem-se entre si, enquanto nos desportos individuais, os atletas isso não se verifica. Estes valores são idênticos aos observados por Cardoso (2004), que refere que são os atletas de modalidades colectivas quem mais revelam atitudes de respeito pela convenção.

Analisando ainda as atitudes associadas ao esforço e empenhamento, os valores observados na Tabela 3, parecem sugerir que são os atletas modalidades colectivas quem mais revelam atitudes, associadas ao esforço e empenho, sendo que no item 1 “vou a todos os treinos”, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas. Se considerarmos o que observou Cardoso (2004), que os atletas de modalidades colectivas estão mais orientados para a tarefa do que os atletas de modalidades individuais, e sendo que orientação para a tarefa está associada ao esforço, exercitação e empenho, parece ser compreensível que os atletas de modalidades colectivas revelem valores mais elevados.

#### **4.1.3 Nível Desportivo**

Passemos agora à análise dos resultados referentes às diferenças entre os atletas de elite e não elite. De acordo com a observação da Tabela 2, verificamos que nos itens 2 “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário” e 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários”, as diferenças são estatisticamente significativas ( $p \leq 0.5$ ), tendo os atletas de elite valores mais elevados. Nos itens, 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”, 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários”, 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde eu não viole as regras”, 18 “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”, apesar de as diferenças não serem significativas, os atletas de elite apresentam valores mais elevados. Apenas no item 20 “É uma boa ideia irritar os meus adversários”, os atletas não elite revelaram valores mais elevados.

Em relação às questões relacionadas com a disposição dos atletas para a prática da batota, 3 “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”, 5 “Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer”, 9 “Faço batota se ninguém der por isso”, 13 “Por vezes é preciso fazer batota”, 16 “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”, 19 “Por vezes faço batota para obter vantagem” e 23 “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”, observamos que em nenhum item, existem diferenças significativas, verificando-se através da observação da

---

Tabela 3, que os resultados obtidos pelos atletas de elite e não elite, estão muito próximos um do outro.

Nos itens 1 “vou a todos os treinos”, 15 “esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” e 21 “não desisto mesmo depois de ter cometido erros” as diferenças entre o nível desportivo são estatisticamente significativas ( $p \leq 0.1$ ). Também aqui os atletas de elite possuem valores mais elevados. Nos itens 6 “dou sempre o meu melhor” e 11 “estou sempre a pensar como posso melhorar”, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas, os atletas de elite continuam a apresentar valores mais elevados.

Nas questões relacionadas com o respeito pela convenção, os atletas de elite apresentam valores mais elevados, assim nos itens 4 “cumprimento os adversários depois de uma derrota”, 17 “seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” e 22 “depois de ganhar cumprimento os meus adversários”, as diferenças entre os dois grupos são estatisticamente significativas ( $p \leq 0.1$ ), sendo que nos restantes itens, 8 “cumprimento os adversários” e 12 “Felicitos os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”, essas diferenças já não se verificaram, apesar de a elite ter valores mais altos.

Os resultados obtidos, sugerem que as diferenças entre os atletas de elite e não elite, não são tão nítidas como inicialmente se previa quando se colocou a hipótese de haver diferenças entre o nível desportivo, no que respeita às atitudes face à prática desportiva. No que diz respeito às atitudes relacionadas com o espírito desportivo, os resultados por nós obtidos levam-nos a concluir que as atitudes, no que respeita à adopção de comportamentos anti-desportivos, não variam conforme o nível desportivo. Estes resultados contrariaram a nossa expectativa inicial, uma vez que como sabemos, apesar de os atletas de elite serem jovens, que se encontram ainda numa etapa de formação, quer a nível desportivo, quer a nível da personalidade, estão sujeitos a maiores pressões, tanto por parte de todos os intervenientes na prática desportiva, como pelos elevados investimentos que lhes são atribuídos, afim de darem as melhores condições a um restrito grupo de jovens, a quem é reconhecido um grande potencial desportivo. Estes investimentos realizados, esperam um retorno, normalmente sob a forma de vitórias nas diferentes competições. A pressão de bons resultados sobre os jovens atletas de elite é assim mais elevada, quando comparada com os atletas de não elite, o que poderia justificar uma maior concordância com atitudes contrárias ao espírito desportivo, por parte dos atletas de elite, na busca do sucesso desportivo. Estes resultados não estão de acordo com os obtidos por Nixon (1980), citado por Gonçalves (1990) e Lee & Cook (1990), citados por Gonçalves (1999), que referem que os comportamentos anti-desportivos são mais facilmente adoptados consoante o nível e importância da competição.

Podemos ainda concluir que são também os atletas de elite quem apresenta uma atitude de maior empenho e dedicação à prática desportiva, atribuindo uma maior importância ao esforço, assim como ao tempo disponibilizado para a melhoria das suas performances. Por último, são também os atletas de elite, que demonstram um maior respeito pela convenção, cumprimentando os adversários, independentemente de uma

vitória ou derrota. Os estudos nesta área, com atletas de elite, são ainda menores, pelo que não é possível com comparar os nossos resultados com outros estudos.

## 4.2 Orientação Para a Realização de Objectivos

**TABELA 4.** Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do TEOSQ (n=273).

Item	Sexo		Tipo Modalidade		Nível Desportivo	
	F	p	F	p	F	p
1 ...Sou o único a executar as técnicas	9,782	**	0,020	n.s.	0,672	n.s.
2 ...Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	1,164	n.s.	2,996	n.s.	0,008	n.s.
3 ...Consigo fazer melhor do que os meus colegas	10,575	**	0,027	n.s.	0,079	n.s.
4 ...Os outros não conseguem fazer tão bem como eu	19,614	**	0,123	n.s.	0,360	n.s.
5 ...Aprendo algo que me dá prazer fazer	2,126	n.s.	0,582	n.s.	0,178	n.s.
6 ...Os outros cometem erros e eu não	14,756	**	0,117	n.s.	6,740	**
7 ...Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	0,048	n.s.	0,637	n.s.	0,625	n.s.
8 ...Trabalho realmente bastante	9,303	**	0,998	n.s.	0,052	n.s.
9 ...Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	18,550	**	0,573	n.s.	0,019	n.s.
10 ...Algo aprendo me faz querer continuar a praticar mais	0,126	n.s.	0,008	n.s.	1,407	n.s.
11 ...Sou o melhor	16,010	**	0,001	n.s.	7,575	**
12 ...Sinto que uma técnica que aprendo está bem	4,043	*	0,369	n.s.	6,265	**
13 ...Faço o meu melhor	8,336	**	0,254	n.s.	2,467	n.s.

n.s. (não significativo); \*( $p \leq 0.5$ ); \*\*( $p \leq 0.1$ )

**TABELA 5.** Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, tipo de modalidade e contexto de prática sobre os itens do TEOSQ (n=273).

Item	Sexo		Tipo Modalidade		Nível Desportivo	
	Mas	Fem	Ind	Col	Elite	N Elite
1 ...Sou o único a executar as técnicas	1.98	1.55	1.78	1.76	1.71	1.82
2 ...Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.37	4.49	4.34	4.52	4.43	4.43
3 ...Consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.84	2.33	2.57	2.60	2.56	2.61
4 ...Os outros não conseguem fazer tão bem como eu	2.31	1.71	1.99	2.03	1.97	2.05
5 ...Aprendo algo que me dá prazer fazer	4.45	4.59	4.56	4.49	4.54	4.50
6 ...Os outros cometem erros e eu não	1.91	1.44	1.65	1.69	1.51	1.83
7 ...Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.30	4.32	4.23	4.35	4.35	4.23
8 ...Trabalho realmente bastante	4.22	3.86	3.98	4.09	4.05	4.02
9 ...Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	3.00	2.36	2.74	2.62	2.67	2.69
10 ...Algo aprendo me faz querer continuar a praticar mais	4.38	4.34	4.36	4.37	4.43	4.29
11 ...Sou o melhor	2.15	1.57	1.86	1.86	1.66	2.06
12 ...Sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.80	3.54	3.71	3.63	3.50	3.83
13 ...Faço o meu melhor	4.70	4.42	4.58	4.53	4.63	4.48

### 4.2.1 Género

Analisando os itens associados ao ego, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas, conforme se o atleta é do sexo masculino ou feminino. Assim, nos itens 1 “Sou o único a executar as técnicas”, 3 “Consigo fazer melhor do que

---

os meus colegas”, 4 “Os outros não conseguem fazer tão bem como eu”, 6 “Os outros cometem erros e eu não”, 9 “Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos”, 11 “Sou o melhor” e 13 “Faço o meu melhor”, os rapazes evidenciam valores mais elevados.

Nas questões relacionadas com a orientação para a tarefa, nos itens 2 “Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”, 5 “Aprendo algo que me dá prazer fazer” e 7 “Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”, as diferenças não são estatisticamente significativas, por sua vez nos itens, 8 “Trabalho realmente bastante” ( $p \leq 0.1$ ), e 12 “Sinto que uma técnica que aprendo está bem” ( $p \leq 0.5$ ), as diferenças são estatisticamente significativas, sendo o grupo dos rapazes que apresenta o valor mais elevado.

Os jovens atletas do sexo masculino, revelaram estar mais orientados para o ego, do que as raparigas. Nicholls (1989), citado por Cardoso (2004); Duda *et al.* (2001), citado por Freitas (2004), verificaram que os atletas que mais tendem a realizar atitudes contrárias ao espírito desportivo, são aqueles que estão mais orientados para o ego. Quando comparámos as atitudes entre rapazes e raparigas, verificámos que foram os rapazes que mais concordaram com atitudes anti-desportivistas. Os nossos resultados parecem assim ir de encontro com a literatura observada. Nas questões mais relacionadas com a orientação para a tarefa, parecem não haver diferenças entre o género, no entanto, é nas questões (8 e 12) em é necessário fazer uma auto-percepção, que os rapazes apresentam valores mais altos e significativos, o que pode traduzir que quando é necessário fazer uma auto-avaliação do trabalho realizado pelo atleta, os jovens do sexo masculino, tendem a apresentar valores mais elevados, o que pode indicar uma tendência para a valorização do esforço.

#### **4.2.2 Tipo de Modalidade**

Comparando agora os atletas de modalidades colectivas e individuais, verificamos que em nenhum item, existem diferenças estatisticamente significativas, pelo que não se verificou a hipótese colocada inicialmente, de que existiriam diferenças entre atletas de modalidades colectivas e individuais na orientação para a realização de objectivos. Os resultados por nós obtidos não vão de encontro com os obtidos por Cardoso (2004), nem com Hardy *et al.* (1996) e Duda *et al.* (1995). O tipo de modalidade, no presente estudo, parece pois não ter qualquer influência na orientação para a realização de objectivos.

#### **4.2.3 Nível Desportivo**

Em relação ao nível desportivo, observamos que, no nosso estudo, existem diferenças na orientação para a realização de objectivos, nas questões relacionadas com o ego, apesar de apenas se verificar diferenças estatisticamente significativas em apenas 2 itens (6 “Os outros cometem erros e eu não” e 11 “Sou o melhor”). Os atletas de não elite apresentam assim valores mais elevados nas questões relacionadas com a orientação para o ego.



---

Estes resultados parecem sugerir que são os atletas de não elite, quem estão mais orientados para o ego. Relacionando estes resultados com SAQ, seria de esperar que houvesse diferenças entre o nível desportivo na orientação para a tarefa, uma vez que no SAQ verificámos que são os atletas de elite que possuem uma atitude de maior empenho e esforço em relação à prática desportiva, e como a orientação para a tarefa está associada a estes itens, era compreensível a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o nível desportivo em relação à orientação para a tarefa. Os valores contidos na Tabela 5, parecem sugerir que na globalidade, os jovens atletas, independentemente do nível desportivo, estão mais orientados para a tarefa do que para o ego. Também Cardoso (2004) e Gonçalves & Silva (2004), referem que os atletas portugueses se encontram mais orientados para a tarefa.

---

## Capítulo V – Conclusões

### 5.1 Limitações do Presente Estudo

Antes de passarmos às conclusões propriamente ditas, impõe-se o reconhecimento de algumas limitações do estudo:

- Composição da amostra que deveria inserir modalidades que também têm uma grande representatividade no universo da prática dos jovens, como o futebol, andebol.

### 5.2 Conclusões Propriamente Ditas

Após a análise e discussão dos resultados por nós obtidos neste estudo, podemos concluir que:

- Existem diferenças entre os atletas do sexo masculino e feminino, no que respeita às atitudes face à prática desportiva, pois os rapazes evidenciam maior apetência para a adopção de comportamentos e atitudes contrárias ao espírito desportivo. São ainda os rapazes quem demonstram maior empenho e dedicação à prática desportiva.

- Também no tipo de modalidade, as diferenças em relação às atitudes perante o desporto, são evidentes. Neste item, são os atletas de desportos colectivos que evidenciam comportamentos e atitudes mais contrários ao “fair-play”. Os atletas de modalidades colectivas e individuais, apresentam ainda diferenças relativas ao empenho, esforço e dedicação, assim como ao respeito pela convenção, tendo os atletas de desportos colectivos valores mais elevados.

- No que diz respeito ao nível desportivo, as diferenças nas atitudes face à prática desportiva, não se verificaram, conforme o inicialmente previsto. Assim não verificaram diferenças entre os atletas de elite e não elite, em relação à adopção de comportamentos e atitudes contrárias ao desportivismo. No entanto, os atletas de elite demonstram ter maior empenho e dedicação na prática desportiva.

- Na orientação para a realização de objectivos, confirmou-se a hipótese colocada inicialmente, de que existem diferenças entre atletas masculinos e femininos. Assim verificámos que são os atletas masculinos quem revelam maior orientação para o ego. Em relação à orientação para a tarefa, não se registaram diferenças entre o género.

- Em relação ao tipo de modalidade, não se verificaram diferenças na orientação para a realização de objectivos. O tipo de modalidade parece assim não interferir com a orientação, quer para o ego, quer para a tarefa, do jovem atleta.

- Já no nível desportivo, existem diferenças na orientação para a realização de objectivos, entre atletas de elite e não elite. Os nossos resultados sugerem assim que são os atletas de não elite que estão mais orientados para o ego, sendo que em relação à tarefa, não se verificam diferenças.

---

- Independentemente do género, tipo de modalidade e nível desportivo, os nossos atletas parecem estar mais orientados para a tarefa do que para o ego.

### **5.3 Sugestões Para Futuras Pesquisas**

Como vimos na revisão da literatura, esta área do desporto infanto-juvenil, ainda é pouco explorada, pelo que seria oportuno a realização de outros estudos. Os resultados obtidos, levantam uma série de perguntas e curiosidades que poderão ser alvo de outras pesquisas, assim sugerimos outras linhas de pesquisa como:

- Realizar um estudo idêntico com atletas de elite, e procurar saber se existem diferenças nas atitudes e orientação para a realização de objectivos, entre o sexo masculino e feminino, e as modalidades colectivas e individuais.

- Saber se existem diferenças entre atletas, no que respeita às atitudes e orientação para a realização de objectivos, provenientes de diferentes meios (urbanos, semi-urbanos e rurais).

- Procurar realizar estudos longitudinais, que permitam saber como evoluem as atitudes e orientação para a realização de objectivos, com o decorrer dos anos de prática desportiva.

- Comparar modalidades de luta (judo, karaté, etc.), com modalidades de contacto físico (futebol, andebol, etc), com modalidades sem contacto físico (voleibol, ténis, etc.).

- Comparar as várias modalidades entre si, afim de verificar se a modalidade influencia as atitudes e orientação para a realização de objectivos.

- Verificar se existe relação entre as atitudes e a orientação para a realização de objectivos.

- Estudar, particularmente, os atletas que vivem em regime de concentração (nos centros de treino de alto rendimento).

---

## Capítulo VI – Bibliografia

Araújo J (2002) Desporto de alto rendimento: um sistema, um percurso. In *Alta Competição – Uma Cultura de Exigência* (pp. 51-85). Confederação do Desporto de Portugal, Lisboa.

Biddle S (1993) How children see success and failure. In Lee M (Ed.), *Coaching Children in Sport* (pp. 122-133). London: E & FN SPON.

Biddle S, Georgiadis M, Auweele Y (2001) Cognitive, emotional, and behavioural connotations of task and ego goal orientations profiles: an ideographic approach using hierarchical class analysis. *International Journal of Sport Psychology*, 32, pp. 1-20.

Bredemeier B, Weiss M, Shields D, Cooper B (1987) The relationship between children's legitimacy judgments and their reasoning, aggression tendencies and sport involvement. *Sociology of Sport Journal*, 4, pp. 48-60.

Bredemeier B, Shields D (1996) Moral development and children's sport. In Smoll F, Smith R (Ed.), *Children and youth in sport. A biopsychosocial perspective* (pp. 381-404). Madison: Brown & Benchmark.

Cardoso L (2004) Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional: relatório preliminar em jovens atletas de modalidades colectivas e individuais. Coimbra: F.C.D.E.F.U.C.

Duda J, Chi L, Newton M, Walling M, Catley D (1995) Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. *International Journal of Sport Psychology*, 2, pp. 40-63.

Fernandes A (2000) A percepção dos atletas de desportos colectivos e de desportos individuais acerca da importância dos valores presentes na prática desportiva para a formação da personalidade. Coimbra. F.C.D.E.F., U.C.

---

Fernandes H (2003) Uma perspectiva multidimensional dos valores morais no contexto desportivo. (on-line). <http://psicodeporte.nu>

Freitas F (2004) Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional: relatório preliminar em jovens atletas de desporto escolar e federado. Coimbra: F.C.D.E.F.U.C.

Gill D, Gross J, Huddleston S (1983) Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14, pp. 1-14.

Gonçalves C (1988) O espírito desportivo na formação do jovem praticante. *Revista Horizonte*, 5 (28), dossier.

Gonçalves C (1990) Espírito desportivo: questões de educação. Desporto. Ética. Sociedade. – Actas (pp. 87-101). Escola Secundária Linda-a-Velha.

Gonçalves C (1999a) O espírito desportivo na formação dos jovens praticantes. *Seminário Internacional Treino de Jovens*. pp. 111-122. Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Gonçalves C (1999b) Um olhar sobre o processo de formação do jovem praticante. *Treino Desportivo*, nº 2, Especial. Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Gonçalves C, Silva M (2004a) Valores e orientação motivacional no desporto de jovens – estudo exploratório em basquetebol dos 13-16 anos. *Treino Desportivo*, nº 24, pp. 22-25. Instituto Nacional do Desporto.

Gonçalves C, Silva M (2004b) Contemporary trends and issues in youth sports in Portugal. In Silva M, Malina R (Ed.), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 15-27). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Gould D, Petlichkoff L (1988) Participation and attrition in young athletes. Chapter 13. In Smoll F, Magill R, Ash M (Ed.), *Children in Sport* (pp. 287-300). Champaign, IL. Human Kinetics Books.

---

Greendorfer S, Lewko J, Rosengren S (1996) Family and gender-based influences in sport socialization of children and adolescents. In Smoll F, Smith R (Ed.), *Children and youth in sport. A biopsychosocial perspective* (pp. 89-111). Madison: Brown & Benchmark.

Hardy L, Jones G, Gould D (1996) Understanding psychological preparation for sport: theory and practice of elite performers. England: John Wiley & Sons.

Lee M (1993) Why are you coaching children? In Lee M (Ed.), *Coaching Children in Sport*. (pp. 27-38). London: E & FN SPON.

Lee M (1999) O desporto para os jovens ou os jovens para o desporto? *Seminário Internacional Treino de Jovens*. pp. 123-134. Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Lee M (2004) The importance of values in the coaching process. In Silva M, Malina R (Ed.), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 82-94). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Lee M, Whitehead J, Balchin N (2000) The measurement of values in youth sports: developments of the youth sports values questionnaire. *Journal of Sports and Exercise Psychology*, 22, pp. 307-326.

Lewko J, Ewing M (1985) Sex differences and parental influence in sport involvement of children. *Journal of Sport Psychology*, 2, pp. 62-68.

Lewko J, Greendorfer S (1988) Family influences in sport socialization of children and adolescents. Chapter 19. In Smoll, F., Magill, R. e Ash, M. (Ed.) *Children in Sport* (pp. 287-300). Champaign, IL. Human Kinetics Books.

Lima J (1987) Competições para jovens. *Treino Desportivo*, II série, Nº 6, pp. 32-39.

---

Lima J (1999) Uma perspectiva social da formação desportiva dos jovens. *Seminário Internacional Treino de Jovens*. pp. 71-77. Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Lima J (2002) Desporto de alta competição: uma cultura de exigência. In *Alta Competição – Uma Cultura de Exigência* (pp. 9-36). Confederação do Desporto de Portugal, Lisboa.

Silva M, Sobral F (s/d) *Socialização desportiva primária e barreiras percebidas pelas famílias*. Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil. F.C.D.E.F.U.C.

Weis M (1999) Social interferences on children's psychosocial development in youth sports. In Malina R, Clark M (Ed.), *Youth sports. Perspectives for a New Century* (pp. 109-126). Coaches Choice.

Welk J, Babkes M, Schaben J (2004) Parental influences on youth sport participation. In Silva M, Malina R (Ed.), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 95-109). Imprensa da Universidade de Coimbra.

---

# **Anexos**